

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL

DIRECTOR
MANUEL AMORIM

VOL. XXIX

1992

N.^{os} 1/2

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

FICHA TÉCNICA

Director — MANUEL AMORIM
Coordenador — MANUEL LOPES
Propriedade — CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM
Composição e Impressão — TIPOGRAFIA CAMÕES
Tiragem — 1000 EXEMPLARES
Dep. Legal N° 35703/90
ISSN - 0870-4589
Edição — Dezembro 1992
Redacção/Distribuição — BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ROCHA PEIXOTO" DA PÓVOA DE VARZIM
4490 PÓVOA DE VARZIM

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores.

Toda a colaboração é solicitada.

O Boletim Cultural "Póvoa de Varzim" aceita permuta e/ou colaboração com outras publicações nacionais ou estrangeiras.

CAPA: José d'Almeida e Silva (1864-1945).

Desenho da capa do Número Único "Lágrimas e Conforto" (1892).

A COMPANHIA DE JESUS NA PÓVOA DE VARZIM

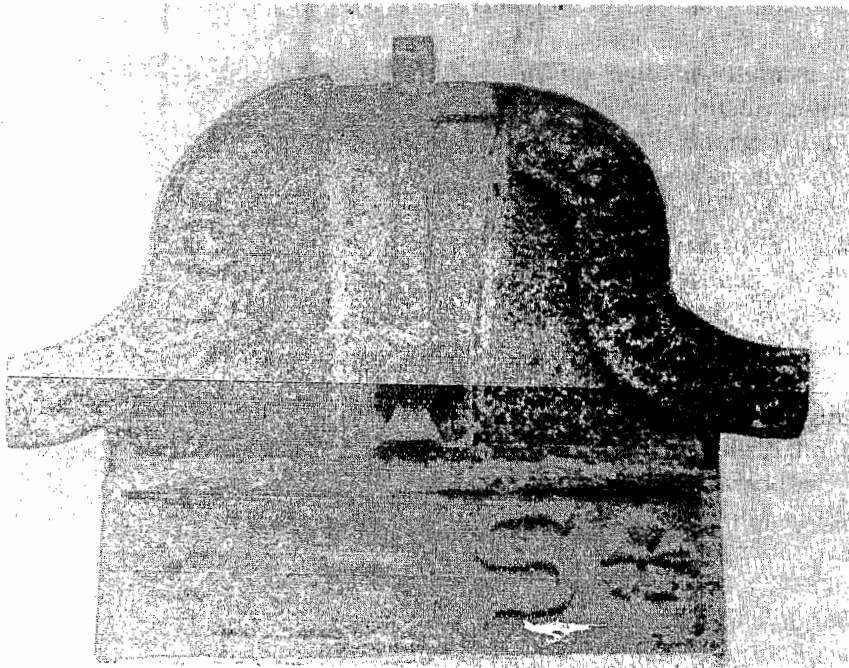
por MANUEL AMORIM

O ano de 1991 movimentou, em todo o mundo católico, de forma desusada, a família religiosa jesuítica. Duas datas jubilares, atempadamente anunciadas¹, chamaram ao “aggiornamento”, não só os numerosos filhos de Inácio de Loyola, como as cúpulas da Igreja e outras Instituições culturais, assistenciais e pastorais que fizeram do Ano Inaciano o grande encontro-descoberta com essa figura singular que interpelou a Europa cristã e propôs à Igreja Católica um seguro caminho de reforma. Iniciou-se aquele ciclo comemorativo em 27 de Setembro de 1990, dia celebrado pela publicação da Constituição Apostólica de Paulo III “*Regimini Militantis Ecclesiae*” que há quatrocentos e cinquenta anos aprovou, canonicamente, a Companhia de Jesus. O local escolhido para reunir a família inaciana foi a Basílica de Loiola, junto à torre senhorial que viu nascer para o mundo o fidalgo Iñigo Lopez e gerar-se para o amor e o serviço de Deus, o grande santo do século XVI. Na homília da missa solene, o Padre Geral apontou a resposta a dar ao projecto comemorativo, sintonizando-a com a súplica do Santo Fundador, expressa na sua obra magna, os Exercícios Espirituais: “*pedir conhecimento interno de tanto bem recebido, para que, reconhecendo-o inteiramente, possa, em tudo, amar e servir a sua Divina Magestade*”². Falando para o interior da Comunidade, o Padre Geral respondia, de algum modo, à Mensagem do Supremo Pastor da Igreja que recordava o passado glorioso da Companhia “como estímulo

¹ Carta do P. Peter-Hans Kolvenbach, Superior Geral da Companhia de Jesus, data de 2 Fev. de 1989.

² Ano Inaciano in “Jesuítas”; Anuário — Atlas da Companhia de Jesus 1991, p. 7.

a uma renovação generosa do impulso apostólico..."³. Noutro momento, João Paulo II evoca a obra transformadora do mundo, expressa na vida heróica de "Quarenta e Um santos e Cento e Trinta e Oito servos de Deus beatificados"⁴, pela virtude ou pelo martírio, frutos sazonados de uma vigorosa árvore enraizada na mística inaciana. Não podia a igreja portuguesa ficar indiferente a tão grato acontecimento e, através de uma Nota Pastoral Sobre o Ano Inaciano, a Conferência Episcopal Portuguesa veio publicamente manifestar o "seu regozijo e dar graças a Deus pelo carisma e acção apostólica desta Ordem Religiosa, que é a mais numerosa da Igreja Católica"⁵. Recorda-nos, depois, que a história da Companhia de Jesus está desde o início ligada a Portugal. Um dos primeiros companheiros de Inácio foi o português, de Vouzela, Simão Rodrigues e a Província Portuguesa a primeira "Assistência" estabelecida fora de Roma pelo seu fundador. O senhor Cardeal Patriarca sintetizou a acção desenvolvida, em Portu-



Símbolo da Companhia de Jesus existente na frontaria da capela de S. Roque, em Vila do Conde

³ Mensagem de João Paulo II por ocasião do início do Ano Inaciano em 31-07-90.

⁴ Homilia da celebração litúrgica de Acção de Graças, em 22 de Abril de 1991.

⁵ Acção Católica, vol. LXXVI — n.º 2, Braga, 1991, p. 220.

gal, pela Companhia de Jesus, no campo da cultura e do apostolado missionário, com as seguintes palavras: "Sem os colégios e as escolas universitárias dos jesuítas, Portugal seria menos cristão. Sem o seu dinamismo missionário, a evangelização dos novos mundos descobertos pelos portugueses, nunca teria alcançado as largas dimensões que atingiu no Oriente, na África e no Brasil"⁶. Nomes como os de Francisco Xavier, navarro ao serviço de Portugal, João de Brito, Inácio de Azevedo, Francisco Pacheco, João Baptista Machado, Gonçalo da Silveira, José de Anchieta, Manuel da Nóbrega, António Vieira, Irmão Bento de Góis, na missionação; Manuel Álvares, Cristóvão Gil, Manuel de Sá, Inácio Monteiro, Luís de Frois, Eusébio da Veiga, Fernão Cardim, João de Lucena, Pedro da Fonseca, Luís da Cruz, Alexandre de Gusmão, etc., etc., em todos os ramos do saber, pertencem ao património cultural do nosso país e nenhum espírito independente e livre o pode olvidar.

A segunda data jubilar, contemplada no Ano Inaciano, refere-se aos Quinhentos Anos do nascimento de Inácio de Loiola (1491-1991).

Inácio de Loiola é um basco nobre de Guipúzcoa, educado para a vida militar e cortesã. Já soldado experimentado e hábil diplomata, cai ferido na defesa de Pamplona, por uma pelourada que lhe deixa a perna direita gravemente dilacerada, obrigando-o a recolher-se com demora à casa paterna. É aqui que se vai iniciar uma autêntica revolução na vida deste homem inquieto e resoluto. Monserrate, Manresa, Jerusalém, Barcelona, Alcalá, Salamanca e Paris assinalam outras tantas etapas no roteiro ascensional deste peregrino de Deus que busca, por entre as armadilhas da santa Inquisição, espaços que o lancem "mais alto e mais além". Nas dobras da capa surrada guarda um precioso tesouro, conquista das suas experiências místicas de Manresa, que se fixou na história da literatura religiosa com o nome de Exercícios Espirituais. Deste prontuário pedagógico, como lhe chama Papini, "por que se propõe levar pela mão hora por hora e dia por dia a alma cega à luz, a alma fria ao fogo"⁷ disse, em soberbo encómio, De Causette: "Os Exercícios são um dos livros mais veneráveis saído das mãos dos homens porque se a Imitação de Cristo tem enxugado muitas lágrimas, os Exercícios têm produzido mais conversões e mais santos"⁸.

⁶ Homilia na Igreja de S. Roque, Lisboa, na concelebração de Acção de Graças, 22 de Abril de 1991.

⁷ Obras Completas de San Ignacio de Loyola. B.A.C. — Madrid, 1952, p. 121.

⁸ Ibidem, p. 115.

Em Paris, onde se doutorou, Inácio atraíra a si um grupo de companheiros, como ele, colegiais de Santa Bárbara, o qual havia de constituir o germen da Companhia de Jesus. Entre eles, o português Simão Rodrigues e o navarro Francisco Xavier. Idealizaram aqueles moços, afogueados na chama do Evangelho, a conversão dos povos que habitavam a terra onde Jesus semeou a Boa Nova e a este objectivo apostólico se submetiam por voto solene. Após sérias tentativas, concluíram ser impossível, no momento, concretizar aquele anseio e foram então entregar-se nas mãos do Papa. Entretanto, Inácio ordena-se sacerdote em Veneza (1537) e os companheiros preparavam-se para lhe seguir o exemplo.

Como o Papa Paulo III começasse a destacá-los para variadas actividades docentes e apostólicas, decidem constituir-se em Ordem Religiosa que receberia a aprovação canónica, como atrás referimos, em 1540. Eleito para Geral da Ordem, Inácio renuncia, mas, uma nova eleição confirma-o no cargo o qual só aceita após vencer uma contumaz relutância. É extraordinária a actividade que desenvolve, tanto na estruturação da nova Ordem, como na formação e distribuição dos seus membros dentro do carisma que sempre a informou: a catequização entre os judeus e os turcos residentes em Roma, as missões, o ensino nos colégios e a assistência aos jovens e mulheres perdidas. Escreve continuamente.

Portugal foi o primeiro país a receber a Companhia de Jesus. É controversa a forma como o Rei D. João III teve conhecimento do novo Instituto. Segundo Fortunato de Almeida, a notícia de primeira mão chegou através de uma carta do doutor Diogo de Gouveia, reitor do Colégio de Santa Bárbara, em Paris, na qual o informava sobre a vocação desses "... clérigos letrados e homens de boa vida... hé converter infieis e dizem que aprazendo ao Santo Padre... que elles iram à India..."⁹. Para o Pe. Baltazar Teles, cronista da Companhia, deve-se ao embaixador D. Pedro de Mascarenhas a informação junto da Corte. Seja como for, o rei apressou-se a movimentar a diplomacia junto do Papa com insistentes pedidos para que lhe enviasse seis desses padres a evangelizar a Índia. O pedido ultrapassava as disponibilidades da nóvel família e só dois religiosos foram enviados ao rei de Portugal — os padres Simão Rodrigues e Paulo Camerte. À Índia, destinava-se Rodrigues e outro que, entretanto, chegaria. Afinal, nem este nem

Rodrigues seguiriam tal destino, mas sim Francisco Xavier, mandado a substituir Nicolau Bobadilha, incapacitado por doença. Em Portugal ficou Simão Rodrigues, a quem o rei confiou a implantação da Companhia e, em breve tempo, tornam-se visíveis os frutos do seu incansável apostolado. Por todo o país levantam-se colégios, casas de formação religiosa, orfanatos, reformatórios para jovens e donzelas, tudo o que havia em Roma¹⁰.

Até 1700, indicam as estatísticas da Ordem, foram enviados para o Oriente mais de 2.000 missionários e cerca de 500 para o Brasil.

Discute-se e continuará a discutir-se, mais como diversão académica que exigência da história, qual das obras realizadas entre nós será maior, a missionária ou a pedagógica. Desta, fala o Dr. Domingos Maurício nestes termos: "Os Jesuítas foram a primeira instituição a criar uma rede escolar orgânica e estável em todo o império português"¹¹. E não houve ramo de ciência, humana ou divina, que seus mestres não versassem com acabada sabedoria.

Em 1560, veio Francisco de Borja, pela terceira vez, a Portugal. Era, então, o Comissário Geral da Companhia na Península Ibérica. Chegado à cidade do Porto, acolheu-se com os companheiros ao hospital, segundo a praxe da Ordem, e aí recebeu, em visita, o Bispo e os Homens Bons da terra, que, vencendo uma primeira resistência, rogaram lhes mandasse alguns padres. Tomou a peito, o Santo Homem, a instalação na cidade de um colégio e, em Agosto daquele mesmo ano, voltou ao Porto com o pessoal indispensável ao seu funcionamento. Era o dia litúrgico de São Lourenço¹². Ora, é o Colégio de S. Lourenço, do Porto, que nos introduz no estudo sobre a Companhia de Jesus na Póvoa de Varzim. Com ele se pretende associar a Casa da Póvoa às Comemorações Inacianas, como é desejo do seu zeloso Superior.

⁹ História da Igreja em Portugal, edição nova, Barcelos, 1968, Vol. II, p. 169, nota 10.

¹⁰ Sobre a instalação da Companhia de Jesus em Portugal, ver a obra do Dr. Francisco Rodrigues, História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal, Porto, 1931, Vol. I.

¹¹ Enciclopédia Verbo, Vol. 11, ent. Jesuítas.

¹² Magalhães Basto, "Estudos Portuenses", 1962, Vol. I, p. 79.

I

DOAÇÕES AO COLÉGIO DE S. LOURENÇO

Os primeiros testemunhos escritos da presença da Companhia de Jesus na Vila da Póvoa de Varzim encontram-se em actos notariais que mencionam o Colégio do Porto. Referem os historiadores da Ordem que os filhos de Santo Inácio, pela sua forma nova de estar e de dizer, impressionaram vivamente a sociedade portuguesa da segunda metade do século dezasseis. Todos queriam ver e ouvir os "Apóstolos", como eram apelidados, de sorte que eles se lançaram a percorrer o país no ministério da pregação. Para o norte foi mandado em missão "pousando nos hospitais, pedindo esmola, pregando, confessando e fazendo tudo o mais que o nosso Instituto abrange" um jovem padre de nome Francisco Estrada. No Porto, onde se demorou dois meses com outro companheiro, acolheu-o o Bispo D. Frei Baltazar Limpo, um dos prelados mais cultos do seu tempo, que o mandou pregar pelas igrejas da cidade e foi tal o sucesso dessa pregação, tanto pelo engenho oratório como pelo testemunho de serviço, que ao despedir-se "... muitos houve que o quiseram seguir, nem teve ele pequena fadiga em os sossegar"¹³. A pousada seguinte deu-se no mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, um dos que Roma mandara, expressamente, reformar-se, mas que poucos sinais deu de mudança, razão bem fundada para aí ser mandado o Padre Estrada, paladino de processos radicais. Também falaria ao povo e entre ele estariam os da Póvoa de Varzim, súbditos daquele mosteiro, ao qual acorriam levando, processionalmente, a veneranda imagem de Santa Maria de Varzim.¹⁴. Não ficou, é certo,

¹³ Francisco Rodrigues. Obra citada, p. 645.

¹⁴ O mosteiro de Santa Clara, de Vila do Conde, possuiu o senhorio da vila da Póvoa de Varzim até à extinção destes, pagando-lhe anualmente um foro. O noticiário de Veiga Leal refere ser uma tradição antiga levar processionalmente ao mosteiro, a imagem da antiga padroeira da Póvoa.



*Igreja do Colégio novo de S. Lourenço (fim do séc. XVI),
vulgarmente conhecida por Igreja dos Grilos*

registo escrito do acontecimento, mas ele é de aceitar, tal a fama do "Apóstolo" de Jesus e da bem conhecida curiosidade dos poveiros, nessa altura concentrada nas coisas da igreja. A vigararia de Santa Maria de Varzim, já estabelecida nessa época, pode não ter sido chamada ao mosteiro de Santa Clara, mas não esperaria muito para conhecer os discípulos de Inácio de Loiola, já que estes estariam na Póvoa a preparar a visita pastoral do arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires, ocorrida em Janeiro de 1560¹⁵.

Atrás dissemos que a Companhia de Jesus chegou a Portugal por intercessão régia e recebeu da Coroa especial protecção, sobretudo em ordem à implementação do ensino e do apostolado escolar. Os padres da Companhia, porém, não se deixaram adormecer à sombra do benefício régio, lançando-se em denodado esforço a fundar colégios, nas principais cidades do país, com suas volumosas e artísticas igrejas, casas de formação eclesiástica, casas de assistência, etc., cuja manutenção exigia avultadas rendas. Muitas destas chegavam-lhes através de doações testamentárias feitas por pessoas que admiravam a acção dos padres jesuítas, eles mesmos, notáveis condutores de consciências.

A investigação realizada nos livros de "Notas" da Póvoa de Varzim, uma fonte documental de grande importância, apesar do número significativo de falhas, permitiu descobrir alguns documentos que nos informam de diversas doações feitas ao Colégio de São Lourenço, da cidade do Porto e nos mostram como é antigo o conhecimento da Companhia de Jesus e da sua acção apostólica entre os moradores da Póvoa de Varzim. Nos finais do século XVI, uma senhora de nome Margarida Monteiro, viúva de Gaspar Luís Figueiro, legou ao colégio de São Lourenço o denominado *Casal da Fonte* que possuía, em usufruto, um tal Pedro Luís e, agora, estava a ser desfrutado pelo lavrador de Coelheiro, João Gonçalves Casapo que, em 1602, foi ao notário fazer a entrega daquela propriedade e renunciar a qualquer direito sobre ela. Vamos transcrever o documento, por ser o primeiro, conhecido até hoje, que nos fala da presença da Companhia de Jesus entre nós.

¹⁵ M. Amorim. *Uma visita inédita de D. Frei Bartolomeu dos Mártires* in "Actas do II Encontro sobre História Dominicana", Vol. II, p. 185.

*Desistimento do direyto de hum casall que fez
Joam Gonsallves Casapo e sua molher aos padres
da Companhia do Colégio da cidade do porto.*

Saibão quantos este estromento de desistimento e consedimento do dereyto de hum casall virem que no ano do nasimento de Noso Snor Jesu Chrito de mil seisentos e dous anos aos vinte e nove dias do mes de Janeyro nesta villa da póvoa de Varzim nas casas da morada de Pedro Gonsallves hay em presensa de mim tabalião e das testemunhas ao diante nomeadas pareserão presentes joam Gllz casapo lavrador e morador no casall do Coelheyro que he do termo desta villa e bem asy pareseo presente Isabel pyres sua molher pesoas que eu tabalião bem conheso e por elles ambos os dous e cada hum por si foi dito que era verdade que ho casall da fonte cito no termo desta villa que elles athe o presente pesuem o qual foi de Pedro luis era dos Reverendos padres do Colégio de são lourenço da Companhia da cidade do porto que ho ouverão por legado que deixou margarida Monteiro molher que foi de Gaspar luis figeiro que ho deixou ao dito colegeo por legado e por ser asi verdade e saberem ser seo e delle não qerião nada antes pedião por merse e esmolla aos ditos padres e colegeo ouveçem por bem por quanto ho tinhaão comesado afruytar ho afruytasem todo este ano the dia de sam miguel de Setembro deste presente ano de seisentos e dous e que elles se obrigavão a pagar ha renda e pensão deste dito ano ao dito colegeo que são dez allqueires de trigo e trinta e quatro de pão meado postos e medidos pola raza velha na cidade do porto no dito colegeo e asi mais hua galinha ou as que se achar que deve e a iso e com ho comprir todo ho sobredito obrigavão suas pesoas e todos seos bens moveis e de raiz avidos e por haver e asi ho outorgavão e por haly estar presente ho padre francisquo fernandes procurador do dito colegeo e padre delle por elle foi dito que elle em seu nome e do dito colegeo aseitava este desestimento e declaração de dereyto do dito casal e era contente que hos ditos Joam Gonsallve e Isabel Pyres lavrem ho dito casal athe ho dito dia de são miguel

como asima está dito e asy ho outorgou e asistirão de parte a parte e eu tabalião como pesoa publica estipulante asi tambem estipolei e aseitei em nome do dito colegeo e dos mais padres delle não presentes e das mais pessoas a quem toquem e toquem por seu e de todo mandarão ser feito este estromento de cesasão. Testemunhas presentes afonso Gonsalves morador na dita vila da póvoa que asinou por ha dita Isabel pyres que lho rogou por não saber asinar e andré pirez mareante morador na dita villa da póvoa que disserão tão bem conhesião hos sobreditos serem os proprios por que se nomeão e Manuel de araujo vaz filho de mim tabalião Gonsallo Vaz Villas Boas taballião ha escrevi. Diz a antrelinha — Moradores — sobredito ho escrevi. Por ella que mo rogou Pedro Gonsalves — andre pyres = Francisco Fernandes = Manoel daraujo vaz¹⁶.

As terras deste casal eram desfrutadas por arrendamento, mas este tipo de contrato trouxe ao Colégio alguns prejuízos, como se depreende de outros documentos celebrados nos finais do século XVII e pelos quais as terras do Colégio, existentes nesta zona, passam para o regime enfiteutico "... por andarem os bens mais unidos e se não alhearem nem descambarem"¹⁷. Por outro lado, havia caseiros pouco escrupulosos que não pagavam as rendas, no todo ou em parte, simulando dificuldades e negando os direitos aos procuradores do Colégio. Na data referida, as terras do casal da Fonte do Ruivo andavam metidas no denominado *Casal do Sapeiro*, constituindo meia parte dessa unidade rústica.

Em 1695, a Companhia de Jesus obteve um decreto da Sagrada Congregação dos Cardeais, dado em Roma a 30 de Abril e dirigido ao Padre Geral Tirso Gonzalles, autorizando-a a emprar os bens arrendados. O Colégio de São Lourenço deu andamento ao processo e logo no verão daquele ano, o Reitor do Colégio que era, nessa altura, o Pe. Manuel Dias, mandou à Póvoa o Pe. Manuel Ferraz para presidir à medição e confrontação das terras do seu património, da qual se encarregou Francisco João da Moita, olheiro das propriedades do

¹⁶ A.D.P. Notários da Póvoa de Varzim, 1º cart., 1.ª série, liv. 7, fls. 79.

¹⁷ Informação contida na escritura de prazo de 17 de Abril de 1697.

Colégio e Dionísio de Faria Pinto, homens de bom conceito na Póvoa. Feita esta diligência preliminar, que devia merecer a aprovação do Juiz Ordinário da Vila, seria de esperar que logo se passassem à nota as escrituras de empraçamento. Por razões que nos escapam, elas só se fizeram em Abril de 1697, e pela seguinte ordem:

*Prazo de tres vidas que fazem os Rev.dos Padres da Companhia da cidade do Porto a Simão Manoel da Mouta desta vila da Póvoa de Varzim (em 17 de Abril de 1697)*¹⁸

Trata-se do aforamento de metade do Casal do Sapeiro que o lavrador Simão Manuel da Moita e sua mulher Joana Manuel traziam já por arrendamento e onde viviam. A outra metade, contígua à primeira, estava na posse de Francisco João da Moita. O casco desse meio casal era constituído pelas seguintes propriedades:

- I — Assento de casas, eirado, cortes do gado e eira.
- II — *Campo do Agro* na Fonte do Ruivo. A metade leva 3 alqueires de sementeira.
- III — *Campo chamado Daguallé* que tem dentro uma leira da Confraria do Santíssimo Sacramento da mesma vila que leva de sementeira meio alqueire e o campo levará uns 10 alqueires "parte do sul com a cangosta dos Favais e do poente com o areal da costa do mar..."
- IV — *Cortinha dos Cardos*, tapada sobre si, parte do norte com a Calçada e leva de sementeira meio alqueire.
- V — *Cortinha da Junqueira* que do norte parte com a Calçada e do sul com o ribeiro. Leva de sementeira um alqueire.
- VI — *Sete leiras na Agra de Barreiros* que levarão de sementeira 7 alqueires e meio.
- VII — *Uma leira* na Agra da Penalva que levará um alqueire de centeio.
- VIII — *O Campo Largo*, terra cercada de parede e valo que leva de sementeira 16 alqueires e faz todo Simão Manuel.
- IX — *A Cortinha do Pardo (sic)* leva a metade 1 alqueire.
- X — *Uma leira* na Agra dos Fiéis de Deus que leva 1 alqueire.
- XI — *A Cortinha do Brejo*. A metade leva meio alqueire.
- XII — *Uma leira* na Agra da Moninha. A metade leva meio alqueire.

¹⁸ A.D.P. Notários da Póvoa de Varzim, 1º cart., 2ª série, liv. 3, fls. 61.

XIII — *A Bouça da Moninha*. Terra lavradia com um pouco de moita que leva de sementeira 6 alqueires.

XIV — *Uma leira* na Agra do Cardoso que leva, a metade, alqueire e meio de sementeira.

De toda esta terra, calculada para mais de cinquenta alqueires de sementeira, pagava Simão Manuel um foro insignificante: 5 alqueires de trigo, 5 de milho, 5 de centeio e 1 galinha. Estas terras andavam agravadas com algumas pensões antigas, a saber: a Miguel Martins, de Vila do Conde, como herdeiro de António de Maris e Maria Lobo, pagavam 10 alqueires de pão meado, centeio e milho e 3 alqueires de trigo; a Martim Carneiro, de Vila do Conde, 8 alqueires de trigo e à Confraria do Santíssimo, da Póvoa, meio alqueire de trigo. Outras terras do antigo Casal da Fonte, atrás referido, andavam no usufruto de Domingos Francisco Contrão e, nesta data, pertenciam também ao Colégio.

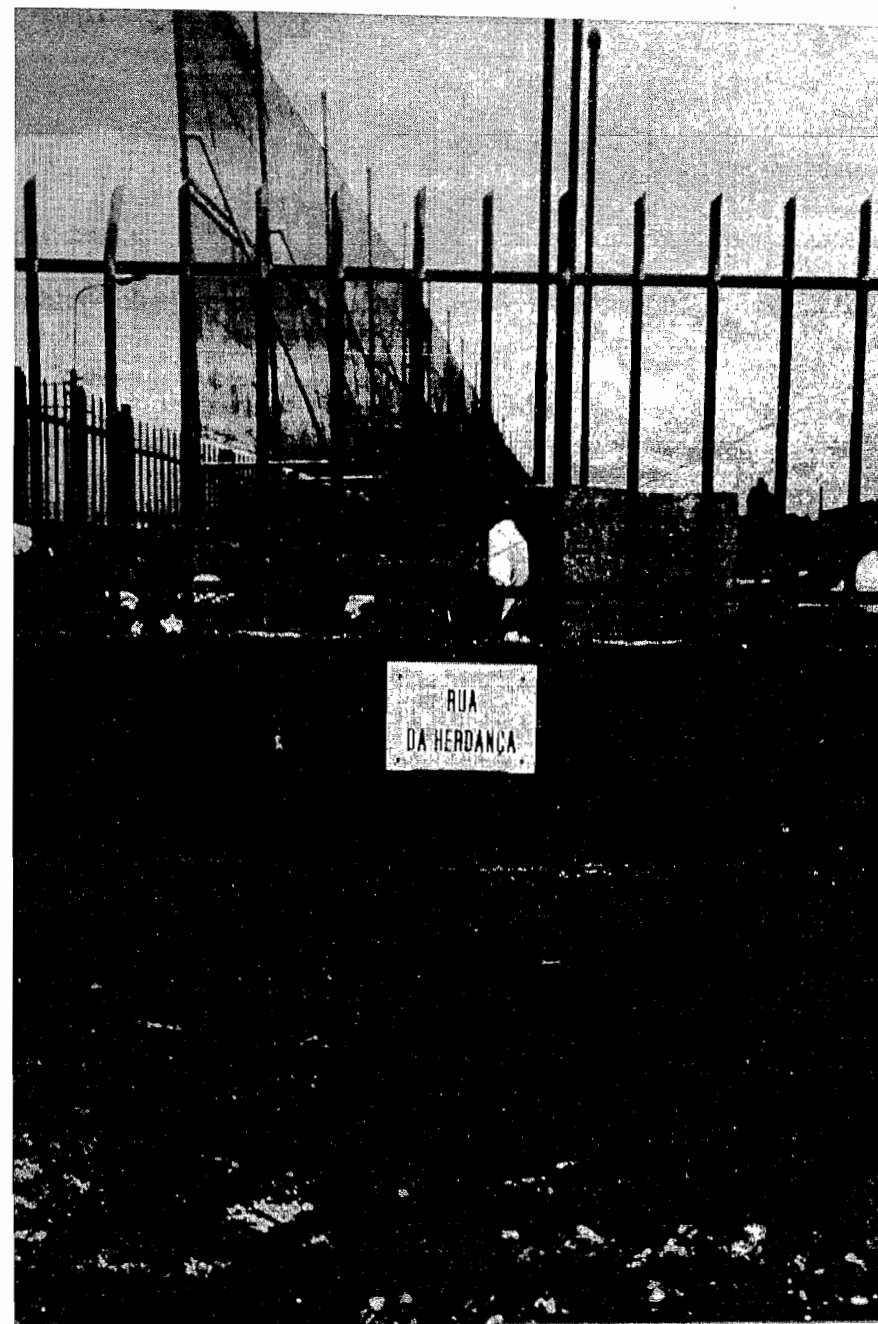
Parzo (sic) que fez o Rev.do Padre Manoel de Caldas procurador do Colégio do Porto e Pascoal André e António Gonsalves de Avellomar (em 17 de Abril de 1697) termo da vila de Barcellos e sua mulher¹⁹.

Trata-se do aforamento da denominada *Bouça de Penoussos*, terra lavradia com algum mato que andava arrendada a Manuel Gomes, de Aver-o-Mar, pai e sogro dos enfiteutas. Estimada em 16 alqueires de sementeira, ficava a pagar ao Colégio o foro de nove alqueires de trigo e 1 galinha, sendo que o Pascoal André e sua mulher pagariam 6 alqueires e duas partes da galinha e o António Gonçalves e mulher 3 alqueires e uma parte da dita galinha.

Parzo (sic) que mandou fazer a Manoel Pires e sua mulher Francisca João da Giesteyra de Cima e a João Gonsalves e sua mulher Maria Gonsalves, e Gonsallo Francisco e sua mulher Maria Gonsalves, lavradores, da Gesteyra de baixo, freguesia desta Villa e do termo da Villa de barcellos. (18 de Abril de 1697)²⁰.

¹⁹ Ibidem, fls. 65 v.

²⁰ Ibidem, fls. 68.



A placa topográfica da Rua da Herdança assinala as terras doadas à Companhia de Jesus

Como nos contratos anteriores, outorgou, em nome do Colégio, o Padre Manuel de Caldas, com procuração do Reitor.

Este aforamento refere-se a uma propriedade de grande dimensão que era denominada por *Bouça da Herdança*, constituída por terra lavradia e algum mato e andava por arrendamento nas mãos daqueles lavradores. No auto de medição diz-se que pertence à freguesia de Santa Olaia de Veiriz e “está cerquado de vallo e parede”. A parte de Manuel Pires confinava com o caminho que vai para o mar e semeava 15 alqueires de centeio mais um e meio pelo bravio; a parte dos outros consortes não semeava mais de 12 alqueires e o bravio era calculado como o anterior.

O foro era de 12 alqueires de trigo, metade pagos por Manuel Pires e a outra metade dividida, em partes iguais, pelos restantes caseiros.

Ao caminho que ladeava a propriedade e ia para o mar, chamava o povo do lugar — o caminho da ardença — corruptela de “herdança”, topónimo, hoje, oficializado na *Rua da Herdança*²¹.

²¹ Jorge Barbosa, *Toponímia da Póvoa de Varzim*, in “Póvoa de Varzim, Bol. Cult.”, Vol. XXVII, n.º 2, fls. 541.

II

O CULTO AO CORAÇÃO DE JESUS

A colheita desse pedacinho de pão que a Companhia de Jesus fazia nos campos da Póvoa de Varzim simboliza uma relação de afecto e comunhão espiritual que, através dos tempos, se manifestou em muitos trabalhos apostólicos, desde a sementeira da palavra ao povo, até à criação de grupos ou associações que testemunhavam ao mundo os frutos da seara.

É um facto que a investigação sobre a pristina actividade apostólica dos Padres da Companhia, entre nós, ainda está por fazer. Os primeiros elementos que possuímos são tardios e colhidos na informação escrita referente à localidade. Ela liga a sua presença ao culto do Coração de Jesus, devoção que se desenvolveu muito, em Portugal, no século XVIII. Em 13 de Maio de 1738, é mandado, para a Póvoa, Francisco Félix Henriques da Veiga Leal com a missão de levar ao fim as obras da Fortaleza, interrompidas em 1703, por falta de dinheiro. Este prestante militar não só foi diligente com a obra, concluindo-a em dois anos, mas em atender às necessidades da guarnição, para a qual obteve a licença da construção de uma capela e soldo para um capelão, tudo da protecção real, ou seja, isento da jurisdição do Ordinário. Homem letrado e esclarecido, aceitou a incumbência que, em princípio, se destinava ao Reitor da Vila, de redigir as respostas ao questionário destinado ao Dicionário Geográfico que o oratoriano Pe. Luís Cardoso se propôs ordenar. Trata-se de uma “Notícia Histórica” que, pelo pormenor e pela fidelidade que a orientam, constitui fonte valiosa e indispensável ao estudo da história local. Foi escrita em 1758. No item próprio, Veiga Leal refere-se ao culto praticado na capela, nestes termos:

“A sua padroeira é N. Senhora da Conceição; venera-se mais na capella a imagem de Sta. Bárbara protectora



Capela da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, da Póvoa de Varzim, onde se estabeleceu, pela primeira vez, o culto ao Sagrado Coração de Jesus

da artilharia, e uma imagem do Menino Jezus com o coração na mão, patrono d'uma grande congregação ou irmandade do Sanctissimo Coração de Jezus, que na dita real capella se acha erecta com o número de mais de dous mil irmãos da villa e povos circunvisinhos.

Por obrigação da dita confraria está nesta capella, todos os quartos domingos de tarde, exposto o Sanctissimo Sacramento: faz parte a sua principal festividade na dominga 'extra octavam corporis christi', principiando o tríduo no dia próprio que he sexta feira antecedente, e concluindo-a com uma solemniissima procissão em que vão muitos andores decentemente ornados, e anjos primorosamente compostos, e debaixo do pallio o Sanctissimo Sacramento, que leva o parochio da villa, por sahir a ella, acompanhando-o o capellão da Fortaleza, como tal até às portas d'ella, e dando esta uma descarga da sua artilharia ao sahir e outra ao entrar o Sacramento.

Festeja-se anualmente n'esta capella a padroeira, a protectora da artilharia, e se officia a novena do Senhor S. José com toda a formalidade que manda o livro, que da dita novena mandou imprimir e praticar o sempre Augusto e fidelissimo rei o sr. D. João V — que haja o ceo."²²

Como se vê, o culto ao Coração de Jesus sobrelevava os demais existentes na capela da Fortaleza e não deixa de causar admiração o elevado número de irmãos inscritos na congregação e a pompa com que se realizava a festa anual.

Duas lacunas, porém, se notam na informação: Desde quando e como se estabeleceu na capela o culto ao Coração de Jesus? Sabemos que a capela só foi aberta ao culto, com a celebração da primeira missa, em 17 de Fevereiro de 1743. Por sua vez, o Pe. Gesteira, na sua monografia, ao falar da capelinha da Fortaleza, escreve:

*"foi bastante frequentada outr'ora, e n'ella instituiram os padres jesuitas uma Irmandade do SS. Coração de Jesus, cuja foi extinta por ordem de El-Rei D. José, por ocasião da extinção da Companhia em 1761."*²³

²² Fernando Barbosa, *O Concelho da Póvoa de Varzim no séc. XVIII*, in "Póvoa de Varzim, Bol. Cultural", vol. I, 1958, fls. 336.

²³ As Memórias Históricas do Padre José Gesteira, in *História da Póvoa de Varzim* — 1ª, publicação de Cândido Landolt, 1907, p. 44.

A estes dados, o Sr. Viriato Barbosa acrescentou mais um, no intuito de encontrar uma referência temporal para o evento, escrevendo: *"A devoção ao Coração de Jesus, nesta Vila, nasceu, parece, devido aos trabalhos missionários do padre aragonês, Pedro de Calatayud, da Companhia de Jesus, no tempo do Arcebispo de Braga, D. José de Bragança — 1743 a 1745. Foi a Confraia erigida na antiga Matriz"*²⁴.

O registo dos monografistas poveiros exige alguns comentários. Estranha-se que Veiga Leal não faça qualquer referência aos padres jesuítas, quando fala da congregação do Coração de Jesus existente na capela da Fortaleza. Ele que era um admirador da Companhia, como se deduz do empenho posto na obtenção da licença para colocar sobre a protecção de S. Francisco de Borja um dos baluartes da Fortaleza. Será que o Governador receava a censura pombalina? Mais tarde, como veremos, irá declará-lo abertamente. O Pe. Gesteira, que segue de perto o autor da "Notícia", não se coibiu em acrescentar esse importante pormenor colhido, naturalmente, da tradição local. De outra fonte, de natureza erudita, terá o Sr. Viriato Barbosa, que nos deixou muitas e preciosas informações sobre a devoção ao Coração de Jesus, sorvido a bebida inspiradora que o levou a sugerir a ligação entre as missões do Pe. Calatayud e a origem da devoção entre nós. Apesar de, hoje, estar esclarecido que aquele célebre missionário, chamado a Braga para auxiliar os padres jesuítas do colégio de S. Paulo a organizar missões para o povo e retiros para o clero em toda a arquidiocese, não missionou na Póvoa de Varzim, nem os seus companheiros, a sugestão do Sr. Barbosa é, por demais, plausível. A diminuta população da Vila, nessa época com pouco mais de 500 fogos, excluía-a do roteiro elaborado pelo Arcebispo o qual atendia, somente, às 13 cidades e vilas de maior população no Entre Douro e Minho, devendo concorrer à missão as paróquias vizinhas. Na verdade, a missão popular decorreu em Vila do Conde, entre 29 de Fevereiro e 19 de Março de 1744, seguindo-se um retiro para 178 clérigos. Os trabalhos da missão estavam a cargo dos padres Carbojosa e Ibañez e decorreram debaixo do patrocínio do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora do Pilar. É crível que os poveiros acorressem à missão em grande número e, em especial, a classe piscatória, muito sensível a feitos espectaculares como o que terá sucedido na praia fronteiriça à barra de Vila do Conde quando, após um naufrágio, os missionários apareceram no areal, empunhando uma imagem do Coração de Jesus tendo outra lancha, envolvida nas mesmas dificuldades, conseguido aportar com toda a

²⁴ A Póvoa de Varzim, Edição da Livraria Fernando, Machado, Porto, 1941, p. 246.



Imagem do Menino Jesus com o coração na mão, patrono da Congregação do Coração de Jesus sediada na capela da Fortaleza

tripulação são e salva²⁵. Dessa missão resultou a instituição de congregações do Coração de Jesus em Vila do Conde, Azurara e Póvoa de Varzim e um maior afervoramento ao culto de Nossa Senhora do Pilar, já existente na Póvoa, no século XVII. A Póvoa de Varzim estava, nessa altura, a braços com a construção da sua grandiosa Matriz, iniciada em 18 de Fevereiro de 1743 e foi na capela da Fortaleza, e não na Matriz antiga, como refere Viriato Barbosa, que se viria a estabelecer a referida congregação. Aí permaneceu até à extinção da Companhia de Jesus, em 1761, segundo informa o Pe. Gesteira, com pouco rigor histórico. Primeiro, porque o decreto que extinguiu a Companhia de Jesus é de 3-9-1759²⁶; segundo, porque em 1769, o Governador da Fortaleza, Veiga Leal, ainda intentou, diante do Arcebispo D. Gaspar de Bragança, transformar a Congregação em Confraria. Eis o documento até hoje inédito:

“Sereníssimo Senhor=Dis Francisco Felis Henrique da Veiga Leal fidalgo da Caza Real e Governador da Fortaleza de Nosa Senhora da Conceição da villa da Póvoa de Varzim deste Arcebispado Primaz que pella gueral (sic) ordem de Sua Magestade fidelíssima se extinguiu hua congregação por ter sido erecta por agregação dos Jesuítas do Santíssimo Coração de Jesus colocado na Real capella da mesma Fortaleza a qual tinha mais de dous mil irmãos na mesma villa e freguezias vezinhas e alguns de outros bispados sendo seus alguns paramentos, custódia, cruz, turíbulo e naveta de prata insignido tudo com a figura do mesmo Coração a quem todos tinham e tem hua devoção especial e com muita particularidade os moradores do Bairro da Junqueira contiguo à mesma Fortaleza e porque não parece justo se privem daquella estes devotos pertende o suplicante se erija na dita Real Capella hua Confraria com a invocação do Santíssimo Coração do Menino Jesus debaixo da Protecção Real de Voça Alteza por ser erecta no templo de hua fortificação deste Fidelíssimo reino— Pede a V. A.R. se digne conceder licença para se poder erigir a dita Confraria fazendo-se Estatuto para seu governo sendo por V.A. confirmados porque há muitas e muitas pessoas que devotamente querem ser irmãos=E receberá mercê.”²⁷

²⁵ F. Neiva Soares, *Divino Salvador de Navais, Póvoa de Varzim*, 1987, p. 400.

²⁶ Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Barcelos, 1970, vol. III, p. 125.

²⁷ A.D.P. Notários da Póvoa de Varzim, 1^o Cart., 2^a série, liv. 57, fls. 57 v. *Registo de uns documentos lançados a Requerimento dos Officiaes da Confraria do Coração de Jesus*.

Este documento ajuda-nos a compreender melhor o ocaso da Congregação do Coração de Jesus da capela da Fortaleza. A primeira conclusão a tirar é que a “Ordem Geral” contra a Companhia de Jesus retirou, com certeza, base legal à dita Congregação, mas não extinguiu a devoção ao Coração de Jesus na capela, contando com a protecção do Governador. Depois, ficamos a saber que a fábrica da Congregação, paramentos e objectos de culto, em 1769, continuavam na capela; por último, que os moradores da Junqueira continuavam com o seu especial culto ao Coração de Jesus, na capela. Para o Governador, ainda havia possibilidades, naquela data, de salvar a Congregação, transformando-a em Confraria, com estatutos e protecção real e sob a invocação do “*Santíssimo Coração do Menino Jezus*”.

Pecou, por tardia, a intervenção do Governador da Fortaleza. Nessa altura, já o Reitor da Póvoa, o Pe. Diogo Ferreira, que pertencera, outrora, ao corpo de cerimónias de S.A.R. e era tercenário na Sé Primacial, face aos decretos expurgatórios, pedira ao Arcebispo, em nome dos devotos do Coração de Jesus, “*thes concedese licença para de novo a erigirem (a Congregação) na Igreja Matriz e a concedeo em treze de Agosto de 1768 e logo fizerão seus estatutos asignados pello clero, nobreza e povo desta villa e forão com vistas ao Doutor Procurador Geral da Mitra que respondeu em 19 de Junho de 1769 e feito termo de Sobgeição se dignou V.A.R. mandar passar Provisão de aprovação e como está erecta a dita Congregação e Confraria com União dado o Nome de Jezus com as solenidades do direito canónico...*”²⁸

A intenção do pároco era dupla: passar a Congregação do Coração de Jesus, da capela da Fortaleza para a Igreja Matriz e subtraí-la à jurisdição régia, para a sujeitar à jurisdição eclesiástica. Tudo o pároco conseguiu na melhor forma da lei e com o apoio da autoridade local. Ficou a nova entidade religiosa a intitular-se “*Confraria do Diviníssimo Coração de Jesus e do Santíssimo Nome de Jesus*”.²⁹

Como referimos, esta nova criação não extinguiu a devoção existente na capela da Fortaleza e lá acorriam, sobretudo, os moradores da Junqueira e zonas circunvizinhas. Talvez por insistência destes devotos, tenha o Governador Veiga Leal renovado a petição ao Arcebispo, em 1772. Este, mandou o pároco informar sobre a exequibilidade do pedido e a informação não podia ser mais negativa:

²⁸ *Ibidem*, fls. 58.

²⁹ Martins da Costa, *Irmandades e Confrarias da Póvoa de Varzim*, in “*Póvoa de Varzim, Bol. Cultural*”, Vol. XVII, Nº 1, 1978, p. 49.

“... pois implica em hua mesma freguezia hajão duas Congregaçoins da mesma invocação; quanto maes que a dita Fortaleza está sempre com sentinellas à porta que não permitem a intrada franca nella, nem he conveniente a tal entrada ao Real Serviço pois pode suseder que vá alguém ezplorar a Artilharia e a capella em que se diz missa aos artilheiros e cabos della... por que não tem agora lugar o que o Suplicante intenta... e os moradores da villa desejavão e deseção a dita Congregação na própria Igreja Matriz...”³⁰

Com esta informação, o Arcebispo indeferiu o pedido do Governador da Fortaleza e a Congregação do Coração de Jesus não encontrou alternativa legal para se manter na dita capela, mas fica-nos a impressão que debaixo dos destroços da fogueira permaneceu um resquício de lume, à espera de quem o ateasse.

A Confraria da Matriz atraiu, sem dúvida, um grande número de devotos, alguns dos quais foram generosos benfeitores, e por essa razão se constituiu em benemérita da paróquia contribuindo, sem cessar, para as obras da Igreja, para as iniciativas pastorais do pároco e, até, emprestando dinheiro para os irmãos remirem os seus encalços³¹. No plano espiritual, ela pouco se distanciava das demais confrarias, muito ritualistas mas pouco piedosas e muito menos apostólicas. Além disso, não acompanhou a evolução do culto ao Sagrado Coração de Jesus que, vencida a crise da fé da 1ª parte do século passado, alcançou novo fulgor com a criação, em todo o país, dos Centros do Apostolado da Oração.

³⁰ Ver nota 27.

³¹ Como as demais Confrarias, também a confraria do Coração de Jesus emprestava dinheiro a juros, como se comprova por vários registos notariais.

III

O CENTRO DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

A última vintena do passado século ficará para sempre registada nos anais da história religiosa da nossa terra como a era triunfal do culto ao Sagrado Coração de Jesus. Triunfo árduo, que exigiu luta com inimigos declarados, como adiante se verá, de fora e de dentro da Igreja, conseguido graças à profunda religiosidade dos poveiros e ao zelo apostólico dos padres jesuítas.

Segundo informa o Pe. José Leite, a centelha vivificadora do antigo resquício foi ateadada pelo célebre Pe. Meli, um jesuíta italiano que não sendo orador, à moda da época, até porque nunca dominou bem o português³², possuía um extraordinário poder de comunicação, quando pregou na Matriz da Póvoa, em 1870, uma missão cujo fruto quis assegurar através da instituição da “*Devoção do Coração Agonizante de Jesus*”³³. Não conseguimos documentar, nas fontes locais, o aparecimento, naquela data, da referida devoção mas, alguns anos depois, os jornais falam nas piedosas reuniões dos congregados do Coração Agonizante de Jesus realizadas na capela da Madre de Deus³⁴. Nesta capela fazia-se já o mês do Sagrado Coração de Jesus que terminava com missa solene e sermão³⁵. A estas reuniões assistia um “soldado desconhecido”, discípulo do Pe. Meli, aliado a esta causa de forma misteriosa. Trata-se do Pe. Manuel José Antunes Barbosa, natural de Rendufinho, Póvoa de Lanhoso, ordenado sacerdote pela benemerência de uma família de comerciantes poveiros, da antiga rua da Calçada, com quem viveu a

³² Dr. Sousa Gomes, “O Padre Meli; o seu apostolado entre os estudantes bracarenses”, Braga, 1905, p. 15.

³³ Caderno Dactilografado, “A Igreja do Coração de Jesus na Póvoa e a Irmandade de Nª Senhora de Lurdes”, 5 de Dezembro de 1976.

³⁴ “Estrela Povoense”, 20.09.1879.

³⁵ “Almanach da Povo de Varzim para 1881”, fls. 23.



O P.^o João Baptista Meli, jesuíta italiano (Palermo 1828 - Nápoles 1905). Veio para Portugal em 1863 e em 1876 estabeleceu-se em Braga onde fundou a residência e igreja de S. Barnabé

última parte da sua breve existência, já que a doença o impedia de grandes canseiras. No seio amigo daquela família, de apelido Trocado, realizou o seu apostolado, ensinando a catequese às crianças e despertando nos adultos uma verdadeira paixão pela devoção ao Sagrado Coração de Jesus, segundo os ditames do seu preceptor: oração e reparação. Indo passar uns dias a Braga, à residência do Pe. Meli, viu agravarem-se os seus padecimentos de tal modo que, pouco depois, sucumbia nos braços do dilecto amigo. Corria o ano de 1884³⁶. Ano assinalado por cenas pouco edificantes protoganizadas pelos mesários da Confraria do Coração de Jesus erecta na igreja Matriz. É ainda o Sr. Padre José Leite quem nos fornece os elementos informativos sobre o acontecimento que ocasionaria a despropositada polémica: "... alguns sacerdotes, com o pároco à frente, promoveram, em 1883, na igreja matriz, nova missão que durou dez dias. Foi dada pelos padres diocesanos, amicíssimos dos jesuítas, José Bacelar e José Oliveira. E, como asseguradora do fruto, instituiu-se, a 8 de Julho, a *Associação do Coração Agonizante de Jesus, Boa Morte e Apostado da Oração*"³⁷.

Desde 1864 que se estabelecera em Lisboa uma Pia União ou Liga, de origem francesa, nascida num colégio dos jesuítas e por estes, rapidamente, difundida nalguns países da Europa, denominada *Apostolado da Oração*. Na sua essência, destinava-se "a fazer de cada cristão um apóstolo e de cada obra do dia uma oração", tudo em união com o Santíssimo Coração de Jesus. Com uma organização muito simples, em que todos cabem mas cada um no seu grau, não teve dificuldades em expandir-se entre nós e, para isso, muito contribuiu o empenho dos Bispos, recomendando-a insistentemente aos párocos³⁸.

Ficaram célebres alguns padres jesuítas estrangeiros que ligaram o seu nome à difusão do culto ao Sagrado Coração de Jesus e à fundação de Centros do Apostolado da Oração: António Marcocci, João Baptista Meli, Luiz Prósperi, etc. Acrescente-se um outro estrangeiro que, não sendo jesuíta, se notabilizou entre nós, como o apóstolo da consagração das famílias ao Sagrado Coração de Jesus. Refiro-me ao Pe. Matéo Crawley³⁹.

³⁶ Este sacerdote faleceu em 21 de Maio de 1884. Os jornais da Póvoa "A Independencia" de 24 de Maio e "Estrella Povoense" de 25 de Maio e 1 de Junho referem-se ao triste acontecimento fazendo elogios à sua pessoa. Em Braga publicou-se um opúsculo biográfico.

³⁷ Ver nota 33.

³⁸ "Mensagem do Coração de Jesus", Braga, 1959. *A Devoção ao Sagrado Coração de Jesus*, p. 22.

³⁹ "O Grande Apóstolo do Sagrado Coração — Padre Matéo. A sua vida e a sua obra; conversões admiráveis". Tipografia Catholica, Lisboa, 1928.



Esta imagem presidiu às primeiras reuniões, na Capela da Madre de Deus, dos Congregados da Associação do Coração de Jesus. Está, hoje, na sacristia da basílica

Desejava o pároco da Matriz que o Apostolado da Oração ficasse na sua igreja e, naturalmente, associado à devoção do Coração Agonizante de Jesus. Porém, os seus desejos encontraram forte oposição na antiga Confraria do Coração de Jesus que recorreu ao tribunal eclesiástico, alegando nulidade canónica da nova associação, por se tratar do mesmo culto, e ao Conselho Distrital para que a considerassem ilegal e incapaz de adquirir direitos. Se, na primeira jurisdição o processo seguiu lentamente, não foi assim na segunda que, em 19 de Março 1884, expediu um acórdão reconhecendo a identidade jurídica da Confraria erecta na Matriz e *"nula e sem existencia legal e sem direitos alguns outra que se intitula tambem do Coração de Jesus e que pretende estar erecta na capela da Madre de Deus... e que todas as esmoladas arrecadadas pelos indivíduos que dirigem a tal agremiação do Coração de Jesus da capela da Madre de Deus pertencem à Junta de Paróquia e que a esta devem ser entregues"*⁴⁰. Com este veredicto da autoridade civil, a Confraria da Matriz mandou divulgar um Aviso no jornal local *"A Independencia"* e nos lugares públicos da Vila, prevenindo *"que só eles tinham direito às esmoladas daquela devoção e seriam processados todos os usurpadores dessas esmoladas"*⁴¹. Esta atitude causou grande tristeza ao pároco da Matriz, o prior e arcepreste Antas da Gama, que não a quis manifestar publicamente, chegando, porém, o seu desagrado a descer do altar até ao povo, pela voz de alguns sacerdotes como a do Pe. Bernardino José de Campos, quando insinuou *"... haver homens a servir confrarias que não são dignos de semelhantes cargos"*⁴², ou do Pe. Gaspar Carneiro que no fim da missa do Senhor pediu aos fiéis para que rezassem com ele duas Avé-Marias, uma para que Nossa Senhora livrasse o Santo Padre dos seus perseguidores e outra para livrar dos mesmos os zeladores do Coração Agonizante de Jesus⁴³. Isto revelou-nos a tensão existente na Póvoa, entre os católicos, depois da criação do Centro do Apostolado da Oração. Um certo *"devoto"* depreciava tal situação reduzindo-a ironicamente a mera questão de *"milho"*, pois se os 10 réis dos anuais e os 20 réis das joias dos 1.600 associados entrassem nos cofres da Confraria da Matriz, cessavam todas as animosidades. Parece não ser bem assim e que a posição da Confraria do Coração de Jesus se radicalizou confirma-o a resposta do porta-voz

⁴⁰ Jornal *"A Independencia"* de 12 de Abril de 1884.

⁴¹ Ibidem.

⁴² Jornal *"A Independencia"* de 18 de Abril de 1884.

⁴³ Idem, de 21 de Junho de 1884.

do Prior, na imprensa local, às acusações que lhe foram dirigidas, por não ter realizado os exercícios religiosos preparatórios da festa, a qual diz "... a luta tenaz e satânica empreendida contra a florescente devoção do Coração Agonizante de Jesus e Apostolado da Oração, jurando o seu extermínio (o que jamais obterão) é a causa que motivou a não realização dos exercícios..."⁴⁴. Esta implacável dissidência quebrou o ânimo do velho Prior em ver na sua igreja estabelecido um Centro do Apostolado da Oração; restando-lhe a consolação de o ter próspero e dinâmico na área da sua paróquia onde a vida de piedade crescia a olhos vistos, sobretudo, através da prática das primeiras sextas-feiras, segundo a revelação de Santa Margarida Maria, sendo preciso, algumas vezes, ir buscar clero a Vila do Conde para atender os inúmeros penitentes que na véspera acorriam à Matriz para se confessarem⁴⁵.

Como estamos a tratar da História da Companhia de Jesus na Póvoa de Varzim, não devemos ocultar os pormenores da campanha contra ela desencadeada, por essa altura, no jornal "A Independencia" e a defesa que lhe deu o "Estrella Povoense", o outro semanário da vila. Foi uma polémica breve, imatura, mas reveladora das mentalidades dos contendores que se extremavam facilmente resvalando para o sarcasmo, em vez de apurar melhor os seus conhecimentos sobre a história da Igreja e da Companhia de Jesus.

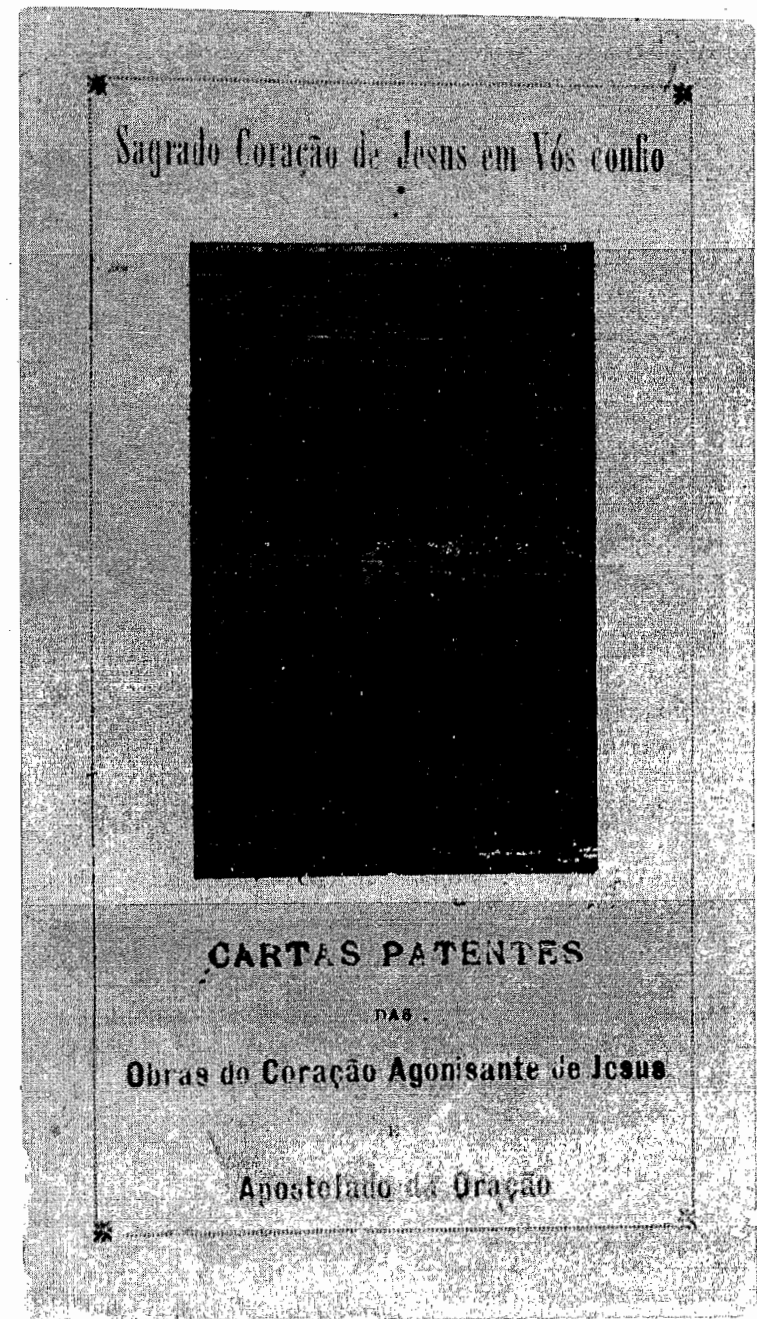
Após a fundação do Centro do Apostolado da Oração, cuja direcção espiritual pertencia aos padres jesuítas, e que teve um notável impacto nas famílias católicas da nossa terra, que eram a grande maioria, levantaram-se alguns fumos em certa imprensa local contra a Companhia de Jesus. Um jovem estudante de Teologia, de nome Afonso dos Santos Soares, resolveu mandar para a secção literária do "Estrella Povoense" uma série de crónicas intitulada — OS JESUÍTAS — onde recolhia testemunhos sobre a sua acção pedagógica, apostólica e missionária⁴⁶. Algum tempo depois, surge no "A Independencia" um extenso artigo, subscrito por um tal César Augusto, em que atacava verrosamente os escritos de Soares⁴⁷. O polémico opositor era também um estudante poveiro, de dezassete anos, que frequentava a Escola

⁴⁴ Idem, de "Estrella Povoense" de 15 de Junho de 1884.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Foram oito as crónicas de Afonso Soares publicadas no citado jornal entre 9 de Setembro e 30 de Dezembro de 1883, sob a epígrafe — *Os Jesuítas*.

⁴⁷ "A Independencia" de 18 de Outubro de 1883, artigo O Senhor Afonso dos Santos Soares e o Jesuitismo.



Pagela de inscrição na Associação do Coração de Jesus e Apostolado da Oração

Politécnica do Porto e se chamava António Augusto César Octaviano da Rocha Peixoto. As crónicas de Soares não tinham carácter polémico e só mais tarde, sob o pseudónimo de Osnoffa de Castro, veio dar resposta a César Augusto⁴⁸. Este não retroquiou. Só um outro artigo aparece, no mesmo jornal e na secção dos *Comunicados*⁴⁹, destinado a responder a "Ateneu", pseudónimo de pessoa ainda não identificada, que no jornal "Estrela Povoense" o desafiara para uma polémica sobre os jesuítas⁵⁰. Não houve polémica e Rocha Peixoto continuou a escrever para "A Independencia" interessantes artigos sobre ciências naturais, área da sua especialidade e de onde nunca deveria ter saído⁵¹.

Outro visado na campanha anti-jesuítica era o Prior Antas da Gama, ao qual "A Independencia" chamava "lacaio da seita negra" e mandava colocar debaixo da porta "A Semana de Loyola", um jornal de propaganda anti-jesuítica saído dos prelos jacobinos. É um facto que o Prior não escondia ter grande admiração pela Companhia de Jesus e, frequentemente, acorria aos seus padres para o serviço de pregação. Foi o jesuíta Pe. João Rebelo quem dirigiu a preparação, em 1879, da visita pastoral, coisa rara nesse tempo, do arcebispo D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa que crismou, na Póvoa, mais de três mil indivíduos⁵². Várias vezes subiram ao púlpito da Matriz, os famosos Padres Carlos Rademaker, João Saraiva, Bento Rodrigues, Joaquim Campo Santo, etc. Para "A Independencia" o Apostolado da Oração era "a nova devoção" que os jesuítas, habilmente, atrelaram ao culto do Coração de Jesus, que sempre deu bons proventos. E com notável sucesso. Para o demonstrar, publica, em 2 de Agosto de 1884, uma destacada notícia sobre a presença do Apostolado da Oração, em Portugal: 721 centros, 49 directores de círculo, 694 directores locais, 564.276 associados, 12.254 zeladores e 288.810 sócios de segundo grau. Total: 867.804 associados⁵³.

Prosperou, também na Póvoa, o Centro do Apostolado da Oração, como atrás referimos, fazendo-se representar com mais de uma centena de associados na grande peregrinação ao Sameiro, de 1894,

⁴⁸ São seis artigos, insertos na secção "crítica" do jornal "Estrela Povoense" de 24 de Fevereiro a 30 de Março de 1884, sob a epígrafe — *Uma questão atrazada. Resposta a um extenso artigo do Sr. Augusto César.*

⁴⁹ Jornal "A Independencia" de 3 de Maio de 1884.

⁵⁰ Jornal "Estrela Povoense" de 27 de Abril de 1884.

⁵¹ Rocha Peixoto, *Obras Completas*, Póvoa de Varzim, 1975, Vol. III, p. 17.

⁵² Egydio Azevedo, "Escriptos Religiosos", 1880, p. 288.

⁵³ Jornal "A Independencia" de 2 de Agosto de 1884.



Imagem grande do Sagrado Coração de Jesus (1888), actualmente, no braço direito do transepto formando conjunto com a imagem de Santa Margarida Maria

comemorativa do Quinquagésimo aniversário da sua fundação⁵⁴. O sucesso deve-se, em boa medida, aos zeladores e zeladoras do Centro e entre todos, devemos destacar o Sr. João Francisco Trocado, diligente secretário da Associação e um autêntico apóstolo da devoção ao Coração de Jesus. Segundo Viriato Barbosa, deve-se àquele senhor a oferta de uma imagem, em tamanho natural, encomendada no Porto ao escultor Couceiro e depois levada para o novo templo⁵⁵. Noutra fonte, recolhi a informação de que a referida imagem foi feita no Porto, na oficina de Celestino José Queiroz, rua do Sol, 130-138, e pintada por Diogo Joaquim Coimbra Sampaio, da rua do Meio, 44, da mesma cidade. Custou 240 mil réis e foi benzida no Porto pelo cardeal D. Américo, em 5 de Julho de 1888⁵⁶. Dizia-se, na altura, que era a imagem mais bela da Póvoa... Posta em exposição, por algum tempo, na Igreja Matriz, como não pudesse lá ficar, por razões conhecidas, nem tão pouco na exígua capela da Madre Deus, resolveu a Mesa Directiva do Apostolado da Oração, após licença especial, expô-la ao culto e veneração dos fiéis na residência do Sr. Francisco Luiz Trocado Júnior, irmão do doador⁵⁷. Notícia o "Novo Mensageiro" que vários zeladores e zeladoras ofereceram, na ocasião, ricas ofertas para o culto como um cálice ricamente cinzelado, missal com capa de veludo, fechos e cantos de prata, jarras finas, véu bordado a ouro, etc.⁵⁸.

Durante três anos ficou a belíssima imagem do Coração de Jesus à espera de casa própria mas, entre os seus devotos, crescia e enraizava-se a ideia de João Trocado em dar-lhe um templo condigno.

(Continua)

⁵⁴ Jornal "Estrella Povoense" de 27 de Maio de 1894.

⁵⁵ "A Póvoa de Varzim", edição de 1941, p. 246.

⁵⁶ Jornal "Estrella Povoense" de 12 de Julho de 1888.

⁵⁷ Caderno citado na nota 33.

⁵⁸ "Novo Mensageiro do Coração de Jesus", N° 92, Nov. de 1888, Tomo VIII, p. 478.